

## EDITORIAL

# Pedagogias do presente: como nos tornamos o que somos?

Ataques neoliberais têm impactado, fortemente, a vida de muitas pessoas que, historicamente, se encontram em condições de desigualdade socioeconômica. Movimentos ultraconservadores acompanham e sustentam as novas estratégias da racionalidade neoliberal, fortalecendo a emergência e a instalação de governos signatários de políticas de fazer morrer: necropolíticas (MBEMBE, 2018), alinhadas a redes epistêmicas racistas-fascistas.

O Brasil tem sido um dos países mais aderentes a essas episódios: governo federal (e aliados em outras instâncias da federação), agentes públicos e grande contingente de populares seguem em adoração à maquina discursiva do desejo-de-fazer-morrer. Ressentida perda de privilégios é importante fio enunciativo dessa trama, expressa em cotidianos gestos de dominação e crueldade. E os efeitos dessa assunção do ódio e ressentimento têm sido letais (POCAHY, 2018) para as minorias em suas intersecções raciais, étnicas, de gênero, sexualidade e classe.

Em muitos espaços, a morte não produz qualquer tipo de comoção ética ou moral. Monstruosidades antidemocráticas e fascismos cotidianos proliferam em pronunciamentos populares, que materializam discurso de ódio celebrando o extermínio do outro, não antes sem algum suplício. Casos emblemáticos como esses encontram-se em comentários violentos em torno da morte da ex-primeira-dama Sr<sup>a</sup>. Marisa Letícia Lula da Silva e do seu neto Arthur Lula da Silva (esse quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve preso político); ou, mais recentemente, na resposta de Jair Messias Bolsonaro diante do número de mortos por covid-19: “E daí?”

A crueldade assinada de verde-amarelo não esconde o desejo de exterminar as pessoas que se aproximam de compromissos ético-estético-políticos e epistemológicos que acompanham as lutas pela democracia e enfrentamento às desigualdades e privilégios. A pandemia, provocada pela covid-19, vem amplificando algumas dessas mais cruéis formas de governar – calço para a cisão neoliberal entre a saúde humana e planetária e os fluxos financeiros.

Por outro lado, na contramão do desejo de morte (física, social, política, estética), foi (e é) possível notar insurgências como forma de resistir às práticas e políticas odiosas. (CARVALHO; POCAHY, 2020a, 2020c) Essa possibilidade (de resistir) é condição intrínseca a uma determinada forma de dominação, a uma deliberada relação de poder. Daí que podemos pensar em (dis)posições outras de sujeito, ou seja, em linhas de fuga, em contra condutas, em outras possibilidades.

Arriscamos afirmar que os efeitos dessas contraposições são influenciadores e afetados por desejos de expansão, outramentos, forçando passagem a práticas de cidadanização horizontais: experimentações que conectam vidas em rede, acionando outros modos de pensar-fazer a si e desde o encontro com o outro – o encontro da/na alteridade e da/na diferença. Apostamos ainda, se tratam de (micro)políticas cotidianas que, através de um movimento cadenciado pelo cuidado de si, assinalam traços e rastros de/para uma vida-não fascista. (FOUCAULT, 1993)

A urgência de nossos dias vem produzindo, potencializando e mobilizando distintas formas de pensar, ser, habitar, viver-sentir e conhecer a vida, envolvendo o agenciamento de pedagogias, ou seja, de práticas que buscam conduzir o(a) outro(a) reverberando processos formativos e deformativos múltiplos-plurais. (CARVALHO; POCAHY, 2020b) É a partir dessas práticas que o presente Número Temático busca tecer entendimentos sobre o nós e o hoje, sobre as pedagogias do presente. Este número conta com a participação de docentes e discentes de diferentes universidades, sendo: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidad Internacional de La Rioja (UNIR) na Espanha. Possui três linhas de problematização, análise e proposição, a saber: as pedagogias do ódio e crueldade; as pedagogias insurgentes para uma vida-outra; e os processos (de) formativos para o cuidado de si, através de cartografias ético-estético-políticas da/para a (re)existência. (FOUCAULT, 2012a, 2012b)

Iniciamos este número temático com o artigo “Vidas inimigas, necropolítica e interseccionalidade: da exclusão na educação ao suicídio/assassinato de pessoas trans” de Vincent Pereira Goulart

(UFRGS) e Henrique Caetano Nardi (UFRGS), que aborda como pessoas trans e travestis têm sido historicamente objeto de classificação e de diagnóstico pelas ciências biomédicas e psi, através de critérios que desconsideram a singularidade de trajetórias de cada sujeito, bem como de sua humanidade. Assim, estigmatizados e desamparados por direitos fundamentais, esses grupos enfrentam a patologização de seus corpos, o abandono e as violências estruturais delimitadas pelo campo social e pelo Estado.

Na sequência, o texto “Envelhecimento, gênero e sexualidade: modos de pesquisar, modos de subjetivar”, de Daniel Vieira Silva (UERJ) e Fernando Pocahy (UERJ) traz, a partir dos estudos de “envelhecimento-gênero” e “velhice-gênero”, entradas de problematização que evidenciam os usos (micro)políticos entre as abordagens de gênero e o campo-tema do envelhecimento – em interfaces entre ciências humanas e sociais e saúde. Os resultados apontaram para usos do gênero como categoria de análise das tramas do envelhecimento, sugerindo perspectivas biopolíticas e interseccionais. Os autores destacam ainda que os modos de pesquisar o envelhecimento configuram-se como práticas de subjetivação, produzindo certos significados e sentidos sobre o corpo idoso, em especial, mas também sobre as noções de sujeito (in)viáveis e (im)possíveis para o presente.

Em seguida, em “Dispositivos ciberfeministas no Instagram: as autorias na pandemia de covid-19”, Edméa Santos (UFRRJ), Terezinha Fernandes (UFMT) e Sara York (UERJ) realizam uma etnografia da cibercultura, mapeando, a partir da plataforma Instagram, como dispositivos autorais educacionais foram forjados por diferentes mulheres, podendo inspirar práticas pedagógicas feministas na cibercultura. Os dados produzidos descrevem os sentidos e os modos de subjetivação de mulheres feministas em fenômenos emergentes como *lives*, ocupações, aulas públicas, pole dance e práticas de digital *storytelling*, dialogando, principalmente, com autoras feministas como Angela Davis, Heloísa Buarque de Hollanda, bell hooks, Vilma Piedade, Djamila Ribeiro, Sara Wagner York. Como resultados, destacam a possibilidade de problematizar questões relacionadas à cibercultura, às práticas sociais mediadas pelo digital em rede e aos sistemas estruturais como patriarcado, colonialismo e capitalismo, em intersecção com categorias importantes aos feminismos como: gênero, raça e classe. Por meio da análise, mapeiam, também, a concepção de multiletramentos

críticos, ao lançarem olhar a estratégias e táticas para superação e resistência aos atravessamentos e opressões históricas, materializadas em violências como a discursiva, a política, a acadêmica, a estética, entre outras.

Por meio do artigo “Estudo do Perfil Sociodigital de Estudantes do Curso de Pedagogia da UFBA no contexto da covid-19”, Lanara Guimarães de Souza (UFBA), Karina Moreira Menezes (UFBA) e Telma Brito Rocha (UFBA) analisam os desafios provocados pela pandemia da covid-19 aos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O artigo dedica-se a revelar como a necessidade de distanciamento social exigiu novos arranjos educacionais, impondo a urgência de mediação tecnológica. Esse processo de rearranjo acentuou desigualdades econômica e social historicamente arraigadas em nossa sociedade. Resultados iniciais do estudo revelam que os estudantes possuem poucos e inadequados equipamentos tecnológicos, baixa qualidade de acesso à internet, além da fragilidade de condições cognitivas, emocionais ou econômicas para estudar, impondo às Universidades a necessidade de refletir sobre a formação de professores no Ensino Superior, neste contexto de pandemia.

Em “Hiperescritas de si, currículos insurgentes e educação online: modos de fabular as docências na pandemia (e além dela)”, Leonardo Nolasco-Silva (UERJ) e Tania Lucía Maddalena (Universidad Internacional de La Rioja - UNIR) discutem o conceito de hiperescritas de si – escritas autobiográficas fundadas na hipermídia – como práticas de criação de memórias singulares a combater os perigos de uma história única. As hiperescritas de si produzem outras presencialidades, sentidos e conhecimentos, expandem as formas de sociabilidade e pluralizam as vozes nos “temposespaços” de narrativas em disputa. A partir dessas escritas, praticadas e partilhadas na pandemia, pretende-se pensar a ficção como tática de (re)existência e de insurgência contra o que está posto enquanto ameaça à vida, à diferença e à democracia.

No artigo “Ideias desviantes e incertezas como elementos para pensar o futuro”, Leonardo Conceição Gonçalves (UERJ), Luis Henrique Monteiro de Castro (UERJ) e Rosemary dos Santos (UERJ) investigam em que medida as *lives* musicais, cada vez mais comum entre os tantos “dentrofora” das diversas redes educativas, estabelecem relações de “aprenderensinar” entre os “fazerespensar” cotidianos. Para tanto, acionam rodas de conversa em ambientes *on-line*, como dispositivos de pesquisa, para tecer criações cotidianas

nas diversas redes educativas reinventadas pelos usos dos dispositivos digitais em rede. Em posse dos fragmentos das histórias e das invenções coproduzidas, apresentam como os praticantes culturais dos cotidianos interagem com o mundo externo para além da porta da própria casa, cocriando ideias desviantes e incertezas como elementos para pensar o futuro.

O próximo artigo “Situações de coautoragem *on-line* no Ensino Fundamental”, de autoria de Felipe Carvalho (UERJ), apresenta experiências de pesquisa e formação de dez anos como professor da disciplina de Informática na Educação no ensino fundamental. O autor parte dos estudos ciberculturais e da educação *on-line* para pensar as situações de coautoragem propostas a estudantes de 5° e 6° ano em duas escolas da mesma rede de ensino. Situações de coautoragem se referem a situações de aprendizagem que requerem a manifestação do pensamento crítico e da autoria criativa. Nesse artigo, o autor aborda três situações: uma produzida com o uso de editores de apresentação *on-line*, outra com *podcasting* e uma terceira com uso de mapas *on-line*, outra com *podcasting* e uma terceira com uso de mapas *on-line*. Considera essas situações relevantes para contribuir com as discussões sobre as pedagogias do presente, marcadas pela educação online, ensino remoto e educação híbrida.

O último artigo intitula-se “Ludos, Dioniso e o espelho: A ludicidade no teatro e a formação de professores”, de Emanuel Nogueira Ramos e Carla Meira Pires de Carvalho, e resulta de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo no âmbito do teatro e da educação e tem como objetivo apresentar reflexões teóricas e investigativas de uma experiência lúdica que emerge a partir de um processo criativo com a improvisação teatral. O texto evidencia o jogo teatral e dramático, aliados aos processos de improvisação no teatro como grandes possibilidades de experiências, em que a ludicidade emerge, permitindo aos sujeitos construir significações, imaginários, e novos códigos para si que podem se configurar como uma emergência de novas aprendizagens e uma possível renovação na identidade docente

O Número Temático *Pedagogias do presente: como nos tornamos o que somos?* é um convite a pesquisadores(as) e educadores(as) de diversos campos do saber, interessados(as) em acompanhar estudos e pesquisas que revelam modos como se articulam distintas formas de governar/conduzir o(a) outro nas tramas da agonística contemporânea. Desejamos uma excelente leitura!

## Referências

- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. Cartografias interseccionais em rede: das insurgências à produção de territórios existenciais. In: SILVA, A. G. L.; SILVA, J. J. C.; AMAR, V. (org.). *Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social*. Salvador: Edufba, 2020a. p. 49-72. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32907>. Acesso em: 19 maio 2021.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. Odiados pela nação: como ensinamos e aprendemos a odiar a diferença? *Interfaces Científicas - Educação*, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 47-66, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7994>. Acesso em: 19 maio 2021.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. #UERJRESISTE: a politização de si através das selfies. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 143-152, 2020c. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48630>. Acesso em: 19 maio 2021.
- FOUCAULT, M. O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 197-200, 1993.
- FOUCAULT, M. Uma estética da existência. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. p. 288-293. (Ditos e escritos, 5)
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b. p. 264-287. (Ditos e escritos, 5)
- FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- POCAHY, F. O clamor da diferença letal: educar em Estado de Exceção. *Revista Ñanduti*, Dourados, v. 6, n. 8, p. 9-22, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/download/8814/4608>. Acesso em: 19 maio 2021.

Abril de 2022

Telma Brito Rocha  
Fernando Pocahy  
Felipe Carvalho

Editora Associada  
Fatima Aparecida de Souza

# Artigos

